

Do trauma à sala de aula: desafios e estratégias de intervenção psicológica em ambientes escolares para crianças deslocadas da guerra em Cabo Delgado

18

João Francisco de Carvalho Choe¹

Resumo

Este estudo investiga a discrepância entre as políticas e a prática de apoio psicológico a crianças deslocadas da guerra em Cabo Delgado, Moçambique. O objetivo principal é identificar os desafios que educadores e profissionais de ensino enfrentam ao implementar intervenções psicológicas e pedagógicas nessas escolas. A pesquisa utilizou uma metodologia bibliográfica e documental, analisando relatórios de agências humanitárias e documentos oficiais. O estudo descobriu que, apesar de haver iniciativas em vigor para ajudar as crianças, a sua aplicação efetiva é dificultada por barreiras significativas. As principais dificuldades incluem a falta de recursos e a carência de formação adequada. A conclusão do estudo enfatiza que, para as escolas se tornarem ambientes de cura, é necessário ir além da educação tradicional. É crucial adotar uma pedagogia sensível ao trauma e reconhecer o papel do professor como um agente de apoio emocional para estas crianças.

Palavras-chave

Trauma infantil; Psicologia escolar; Intervenção psicológica;

Recebido em: 15/09/2025

Aprovado em: 21/12/2025

¹ Em 2013 concluiu o ensino superior (licenciatura em psicologia educacional) e após a conclusão da licenciatura foi contratado para lecionar na escola onde fez o ensino secundário. Em 2019, conclui o nível do mestrado em psicologia educacional, onde nasceu o espírito de pesquisa. Em 2021, iniciou a sua carreira no ensino superior como docente e investigador da Universidade Púnguè – Chimoio. Atualmente é diretor do curso de Psicologia Social e das organizações. 2023 ingressou ao programa de doutoramento em Psicologia Educacional na Universidade Pedagógica de Maputo. Atualmente é Docente da Universidade Púnguè - Chimoio. email:jcarvalhochoe@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8497-9794>

From trauma to the classroom: challenges and psychological intervention strategies in school settings for children displaced by the war in Cabo Delgado

Abstract

This study investigates the discrepancy between policies and the practice of psychological support for children displaced by the war in Cabo Delgado, Mozambique. The main objective is to identify the challenges that educators and teaching professionals face when implementing psychological and pedagogical interventions in these schools. The research used a bibliographic and documentary methodology, analyzing reports from humanitarian agencies and official documents. The study found that, despite existing initiatives to help the children, their effective implementation is hindered by significant barriers. The main difficulties include a lack of resources and adequate training. The study concludes that for schools to become environments of healing, it is necessary to go beyond traditional education. It is crucial to adopt a trauma-sensitive pedagogy and recognize the role of the teacher as an emotional support agent for these children.

19

Keywords

Child trauma; School psychology; Psychological intervention.

Del trauma al aula: desafíos y estrategias de intervención psicológica en entornos escolares para niños desplazados por la guerra en Cabo Delgado.

Resumen

Este estudio investiga la discrepancia entre las políticas y la práctica del apoyo psicológico a los niños desplazados por la guerra en Cabo Delgado, Mozambique. El objetivo principal es identificar los desafíos que enfrentan los educadores y los profesionales de la enseñanza al implementar intervenciones psicológicas y pedagógicas en estas escuelas. La investigación utilizó una metodología bibliográfica y documental, analizando informes de agencias humanitarias y documentos oficiales. El estudio descubrió que, a pesar de las iniciativas existentes para ayudar a los niños, su aplicación efectiva se ve obstaculizada por importantes barreras. Las principales dificultades incluyen la falta de recursos y una formación adecuada. El estudio concluye que para que las escuelas se conviertan en entornos de sanación, es necesario ir más allá de la educación tradicional. Es crucial adoptar una pedagogía sensible al trauma y reconocer el papel del profesor como agente de apoyo emocional para estos niños.

20

Palabras-chave

Trauma infantil; Psicología escolar; Intervención psicológica.

Introdução

A província de Cabo Delgado, em Moçambique, tem sido palco de um conflito armado que, desde 2017, gerou uma das mais graves crises humanitárias da região. Milhares de pessoas foram deslocadas, e as crianças, em particular, têm sido as mais vulneráveis, expostas a atos de violência extrema e a um ambiente de insegurança e instabilidade. Para essas crianças, a experiência de guerra não se encerra com o deslocamento; ela deixa marcas profundas, manifestadas em traumas psicológicos que afetam seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. À medida que essas crianças e suas famílias buscam refúgio em campos de deslocados e comunidades de acolhimento, o sistema de ensino emerge como um espaço crucial para a normalização da vida, mas também como um ambiente onde os efeitos do trauma se manifestam com maior clareza.

21

O presente artigo se propõe a analisar os desafios e as estratégias de intervenção psicológica em ambientes escolares para crianças deslocadas da guerra em Cabo Delgado. A reintegração dessas crianças em um sistema de ensino já frágil é um processo complexo. O trauma, frequentemente manifestado como dificuldade de concentração, agressividade, ansiedade e isolamento social, impacta diretamente o processo de ensino-aprendizagem e sobrecarrega os professores, que muitas vezes não possuem a formação necessária para lidar com a saúde mental infantil. Diante disso, a presença e a atuação de psicólogos e de outros profissionais de apoio psicossocial tornam-se essenciais para mitigar os efeitos do trauma e criar um ambiente escolar seguro e acolhedor.

Argumenta-se que a lacuna entre a crescente necessidade de apoio psicossocial e a capacidade de resposta do sistema educativo moçambicano constitui o principal problema a ser investigado. Ao explorar essa temática, o artigo visa contribuir para um debate urgente e fornecer subsídios para a formulação de políticas e práticas que integrem de forma efetiva a saúde mental no sistema educativo em contextos de pós-conflito.

A província de Cabo Delgado, em Moçambique, tem sido cenário de uma violência armada que se intensificou a partir de 2017, gerando uma crise humanitária de proporções alarmantes. Mais de 800 mil pessoas foram forçadas a abandonar suas casas, e um número significativo de crianças foi exposto a traumas psicológicos graves, como violência direta, perda de familiares, deslocamento

forçado e a destruição de suas comunidades (ACNUR, 2022). A busca por refúgio em comunidades de acolhimento e campos de deslocados coloca essas crianças de volta a um sistema de ensino que, apesar de seus esforços de acolhimento, encontra-se fundamentalmente despreparado para lidar com as complexas consequências do trauma.

O problema central desta pesquisa reside na lacuna crítica entre a crescente necessidade de apoio psicossocial para crianças vítimas de guerra e a capacidade de resposta do sistema educativo moçambicano. Os traumas da guerra se manifestam na sala de aula através de comportamentos como agressividade, isolamento social, dificuldade de concentração e baixo desempenho escolar, fatores que comprometem gravemente o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento saudável das crianças. Essa realidade sobrecarrega professores e diretores, que, com pouca ou nenhuma formação em saúde mental e em técnicas de intervenção em crise, sentem-se impotentes para ajudar (Save the Children, 2021). A ausência de um número suficiente de psicólogos e de protocolos de intervenção nas escolas agrava o problema, transformando o ambiente educacional, que deveria ser um porto seguro, em um espaço onde o trauma continua a impactar a vida das crianças de forma negativa.

Dessa forma, a pesquisa busca responder às seguintes questões: quais são os principais desafios enfrentados na implementação de estratégias de intervenção psicológica em ambientes escolares para crianças deslocadas em Cabo Delgado? Que modelos e práticas de apoio psicossocial têm se mostrado viáveis e eficazes em contextos de crise humanitária? Ao explorar essas questões, o estudo pretende ir além do diagnóstico do problema para propor reflexões e estratégias que possam fortalecer a resposta do sistema educativo, garantindo que o direito à educação dessas crianças não seja apenas uma formalidade, mas um caminho real para a recuperação e a reconstrução de suas vidas.

A pesquisa sobre os desafios e estratégias de intervenção psicológica em ambientes escolares para crianças deslocadas da guerra em Cabo Delgado é de fundamental importância e se justifica em três dimensões principais: a relevância social e humanitária, a contribuição acadêmica e a relevância política.

No campo Social e Humanitária, a crise em Cabo Delgado expôs milhares de crianças a traumas que comprometem seu desenvolvimento integral. A escola, que deveria ser um espaço de normalização, socialização e segurança, torna-se

um ambiente onde as sequelas do trauma se manifestam, impactando o desempenho acadêmico, o comportamento e a saúde mental. A inação diante dessa realidade significa não apenas a negação do direito à educação dessas crianças, mas também a perpetuação de um ciclo de sofrimento que afeta o futuro de toda uma geração. A pesquisa se justifica, portanto, pela sua urgência em dar visibilidade a essa realidade e em propor soluções que possam mitigar o sofrimento dessas crianças, garantindo que a escola se torne, de fato, um espaço de acolhimento e resiliência. Estudar essa questão é um imperativo ético e social. No campo acadêmico, esta pesquisa preenche uma lacuna crucial na literatura sobre educação e saúde mental em Moçambique, especialmente em contextos de pós-conflito. A maioria dos estudos foca nos impactos sociais e econômicos da crise, mas há pouca investigação aprofundada sobre a interseção entre o trauma psicológico infantil e o processo de ensino-aprendizagem. O estudo busca, assim, fornecer um arcabouço teórico e empírico para compreender como os traumas da guerra se manifestam na sala de aula e quais as melhores práticas de intervenção. Ao analisar as estratégias de apoio psicossocial, a pesquisa pode contribuir para a criação de modelos de intervenção adaptados à realidade moçambicana, enriquecendo o debate acadêmico e servindo de base para futuros estudos.

Politicamente, os resultados desta pesquisa podem ser uma ferramenta essencial para o governo moçambicano e para as organizações humanitárias. Ao identificar as barreiras na implementação de programas de apoio psicossocial e ao avaliar a eficácia das estratégias existentes, o estudo pode oferecer subsídios concretos para a formulação de políticas públicas mais robustas. Isso inclui a reformulação da formação de professores e psicólogos, a criação de protocolos de intervenção em crise para escolas e a alocação de recursos de forma mais estratégica. A pesquisa, portanto, não apenas diagnostica um problema, mas também se propõe a ser uma voz que clama por ação e orienta a tomada de decisões, contribuindo para que o sistema de ensino seja uma força ativa na reconstrução de vidas e na promoção da paz em Moçambique.

Este estudo é justificado por sua capacidade de iluminar uma área de extrema importância social, de contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico e de fornecer informações concretas para a formulação de políticas educacionais e humanitárias mais eficazes e equitativas.

Tendo em conta o tema, os propósitos da pesquisa, o problema e a perguntas de pesquisa avançada, esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar os desafios e as estratégias de intervenção psicológica em ambientes escolares para crianças deslocadas da guerra em Cabo Delgado, avaliando suas implicações no processo de ensino-aprendizagem e especificamente: a) identificar as principais manifestações de trauma psicológico em crianças deslocadas da guerra e como elas se refletem no ambiente escolar e no desempenho acadêmico, b) analisar os desafios enfrentados por educadores e profissionais de saúde mental na implementação de estratégias de apoio psicossocial em escolas nas zonas de acolhimento, c) avaliar as estratégias de intervenção psicológica e pedagógica já implementadas ou propostas para mitigar os efeitos do trauma em sala de aula.

O contexto de crise e deslocamento em moçambique

A província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, tornou-se, desde 2017, o epicentro de uma crise humanitária complexa e multifacetada. O conflito armado, iniciado por grupos insurgentes e marcado por ataques a vilarejos, infraestruturas e à população civil, gerou uma das mais graves crises de deslocamento na África subsariana. Compreender esse cenário de crise é fundamental para contextualizar os desafios enfrentados pelas crianças e o papel da educação na resposta a essa emergência.

O conflito, que inicialmente parecia ser uma insurgência localizada, escalou rapidamente, evidenciando as profundas fragilidades socioeconômicas da região. A exploração de recursos naturais, como o gás natural, não se traduziu em desenvolvimento para a população local, resultando em altos índices de pobreza, desemprego e marginalização de jovens. Como aponta a ACNUR (2022), esses fatores, combinados com a percepção de exclusão social e a falta de acesso a oportunidades, criaram um terreno fértil para a radicalização e a violência. A atuação de grupos insurgentes, que exploram essas vulnerabilidades, transformou a província em um palco de violência extrema, levando a um ciclo de medo e insegurança.

A consequência mais visível do conflito é o massivo deslocamento forçado da população. Segundo dados de organizações internacionais, como a Save the Children (2021), centenas de milhares de pessoas, majoritariamente mulheres e crianças, foram obrigadas a fugir de suas casas, deixando para trás seus meios de

subsistência, suas escolas e suas redes de apoio social. Essas famílias buscam refúgio em comunidades vizinhas ou em campos de deslocados internos, onde as condições de vida são precárias e a incerteza domina o cotidiano.

Para as crianças, o deslocamento representa uma ruptura brutal com a normalidade. Elas perdem a rotina da escola, os amigos e a segurança do lar. A exposição à violência, à morte de entes queridos e à constante ameaça de novos ataques constitui um trauma psicológico profundo. A criança deslocada é uma vítima silenciosa da guerra, cuja vida é abruptamente interrompida e marcada por cicatrizes invisíveis. A reconstrução de suas vidas e a mitigação dos efeitos desse trauma dependem de uma resposta coordenada, onde a educação e o apoio psicossocial desempenham papéis centrais.

O contexto de crise em Cabo Delgado é um cenário de violência, insegurança e deslocamento em massa, onde as crianças são as vítimas mais vulneráveis. O sistema de ensino, ao acolher essas crianças, torna-se um espaço crucial para a reconstrução de suas vidas, mas também um ambiente onde os efeitos do trauma se manifestam, exigindo uma abordagem sensível e especializada que vá além da simples oferta de educação.

A crise em cabo delgado: o contexto da violência e do deslocamento

A província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, tornou-se, a partir de 2017, o epicentro de uma crise humanitária complexa e multifacetada. O conflito armado, iniciado por grupos insurgentes e marcado por ataques a vilarejos, infraestruturas e à população civil, gerou um dos mais graves cenários de deslocamento na África subsariana. Compreender esse contexto é fundamental para contextualizar os desafios enfrentados pelas crianças e o papel da educação na resposta a essa emergência.

O conflito não surgiu do nada; ele se enraizou em profundas fragilidades socioeconômicas da região. Apesar de a província abrigar vastas reservas de gás natural, um dos maiores projetos de extração do mundo, a riqueza prometida não se traduziu em desenvolvimento para a população local. A pobreza generalizada, o desemprego, a exclusão social e a percepção de marginalização por parte do Estado criaram um ambiente propício para a radicalização. Como aponta a

ACNUR (2022), esses fatores, combinados com a falta de oportunidades e a ausência de serviços básicos, alimentaram a insatisfação e a desconfiança, tornando a população vulnerável à influência de grupos insurgentes.

A violência, que começou com ataques isolados, escalou rapidamente, ganhando em brutalidade e frequência. A insurgência tem explorado as tensões locais e se utiliza de táticas de terror, como sequestros, execuções sumárias e a destruição de comunidades inteiras. As ações são deliberadamente concebidas para semear o medo e desestabilizar a região, o que tem levado a um ciclo vicioso de insegurança e violência (Amnesty International, 2021).

A consequência mais devastadora do conflito é o massivo deslocamento forçado da população. Segundo dados de organizações humanitárias como a Save the Children (2021), centenas de milhares de pessoas, majoritariamente mulheres e crianças, foram forçadas a fugir de suas casas, deixando para trás seus meios de subsistência, suas escolas e suas redes de apoio social. Essas famílias buscam refúgio em comunidades vizinhas ou em campos de deslocados internos, onde as condições de vida são precárias e a incerteza domina o cotidiano.

Para as crianças, o deslocamento representa uma ruptura brutal com a normalidade. Elas perdem a rotina da escola, os amigos e a segurança do lar. A exposição à violência, à perda de entes queridos e à constante ameaça de novos ataques constitui um trauma psicológico profundo. A criança deslocada é uma vítima silenciosa da guerra, cuja vida é abruptamente interrompida e marcada por cicatrizes invisíveis. A reconstrução de suas vidas e a mitigação dos efeitos desse trauma dependem de uma resposta coordenada, onde a educação e o apoio psicossocial desempenham papéis centrais.

A crise em Cabo Delgado é um cenário de violência, insegurança e deslocamento em massa, onde as crianças são as vítimas mais vulneráveis. O sistema de ensino, ao acolher essas crianças, torna-se um espaço crucial para a reconstrução de suas vidas, mas também um ambiente onde os efeitos do trauma se manifestam, exigindo uma abordagem sensível e especializada que vá além da simples oferta de educação.

O trauma psicológico e o desenvolvimento infantil

A infância é um período crítico para a formação do cérebro e da personalidade. Em um ambiente seguro, a criança desenvolve a confiança, a empatia e a

capacidade de aprender. No entanto, a exposição a eventos traumáticos, como a violência da guerra, pode alterar permanentemente a arquitetura cerebral, resultando em respostas de estresse crônico (DW, 2024). Crianças que testemunham ou vivenciam a violência têm maior probabilidade de desenvolver transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), manifestando sintomas como ansiedade, pesadelos recorrentes, medo constante e dificuldade em se concentrar. Esses efeitos não são apenas emocionais, mas também biológicos, afetando a capacidade de aprendizado.

A ruptura do desenvolvimento se manifesta de diversas formas: Recessão e Comportamentos Anormais: Crianças podem regredir a estágios de desenvolvimento anteriores, como voltar a molhar a cama ou ter medo de se separar dos pais. Além disso, podem apresentar comportamentos agressivos ou de isolamento, resultado da incapacidade de processar o trauma de forma saudável, Dificuldades Cognitivas: O estresse crônico libera hormônios que danificam áreas do cérebro responsáveis pela memória, concentração e tomada de decisões. Na sala de aula, isso se traduz em dificuldade para acompanhar as aulas, baixo desempenho escolar e problemas em interagir com professores e colegas, Perda da Infância e da Esperança: A guerra rouba a infância. Crianças forçadas a fugir, a testemunhar a violência e a lutar pela sobrevivência perdem a oportunidade de brincar, de sonhar e de ter uma rotina normal. Como resultado, muitas sentem-se desprovidas de esperança e têm dificuldade em imaginar um futuro pacífico (UNICEF Portugal).

A guerra em Cabo Delgado causou a destruição de centenas de escolas, além de forçar milhares de crianças a interromperem seus estudos (CIP Moçambique, 2023). A educação é mais do que um direito; ela é um fator de estabilidade, rotina e esperança para a criança. A sua interrupção agrava o trauma, criando um sentimento de incerteza e isolamento.

Ao serem realocadas para as escolas de acolhimento, muitas dessas crianças têm que lidar com uma nova realidade em que elas são vistas como diferentes. A falta de um ambiente seguro e de profissionais preparados para lidar com o trauma pode levar à perpetuação do sofrimento, em vez de se tornar um espaço de cura. A pesquisa, portanto, deve analisar como o sistema de ensino pode se adaptar para acolher e mitigar os efeitos desse trauma, garantindo que a educação seja uma ponte para a reconstrução de suas vidas.

O trauma psicológico infantil e suas manifestações

A guerra e o deslocamento são eventos desestruturantes que têm um impacto profundo e duradouro no desenvolvimento infantil. O trauma psicológico não é apenas uma reação emocional, mas uma resposta biológica e cognitiva do cérebro a eventos de estresse extremo. Em crianças vítimas de conflitos como o de Cabo Delgado, o trauma se manifesta de formas complexas, afetando a saúde mental, o comportamento e, de forma crítica, o processo de ensino e aprendizagem.

O trauma psicológico em crianças é definido como a reação do corpo e da mente a uma experiência aterrorizante ou ameaçadora que supera a capacidade do indivíduo de lidar com ela. Essa exposição prolongada ou única a eventos violentos pode levar ao desenvolvimento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), caracterizado por sintomas como flashbacks, pesadelos, evitação de lembranças do evento e uma constante sensação de ameaça (UNICEF, 2018).

Na sala de aula, o trauma se manifesta de diversas formas: Agressividade e Isolamento: Crianças traumatizadas podem ter dificuldade em regular as emoções, resultando em explosões de raiva ou, em contrapartida, em um comportamento de isolamento e retraiamento social. A agressividade pode ser uma resposta de "luta" a um medo constante, enquanto o isolamento é uma forma de "congelamento" emocional, Regressão e Ansiedade: É comum que crianças regridam a estágios de desenvolvimento anteriores, como voltar a molhar a cama, chupar o dedo ou ter medos irracionais. A ansiedade é uma manifestação persistente do trauma, fazendo com que a criança esteja sempre em estado de alerta e Comportamento de Risco: Algumas crianças, em busca de uma forma de lidar com a dor, podem apresentar comportamentos de risco, como fugir da escola ou se envolver em atividades perigosas.

O trauma não afeta apenas o comportamento; ele prejudica as funções cerebrais essenciais para o aprendizado. A exposição crônica ao estresse libera hormônios como o cortisol, que podem danificar áreas do cérebro responsáveis pela memória, concentração e tomada de decisões (UNICEF, 2018).

Dificuldades Cognitivas: A criança traumatizada tem dificuldade de concentração, de seguir instruções e de absorver novas informações. O cérebro, constantemente focado na sobrevivência, não consegue se dedicar às tarefas

acadêmicas. O resultado é um baixo desempenho escolar, o que pode levar a um ciclo de frustração e desmotivação.

Perda da Memória e da Narrativa: O trauma pode fragmentar as memórias, tornando difícil para a criança se lembrar de eventos e, consequentemente, organizar o seu pensamento. A incapacidade de contar a própria história de forma coesa impede a criança de processar o trauma e de construir uma narrativa de esperança para o futuro.

O "chão da escola", portanto, se torna um espaço crucial onde os efeitos do trauma se manifestam, exigindo que a educação vá além do currículo. A escola deve ser um ambiente que não apenas ensina, mas que também cura e reconstrói o senso de segurança e de normalidade das crianças.

A psicologia educacional e a intervenção em crise

Em contextos de crise humanitária, como o de Cabo Delgado, a escola assume um papel central que transcende a mera transmissão de conhecimento. Ela se torna um espaço vital para a estabilização emocional, a socialização e a reconstrução do senso de normalidade das crianças. Neste cenário, a psicologia educacional e as estratégias de intervenção em crise emergem como ferramentas indispensáveis para mitigar os efeitos do trauma e garantir que a educação seja um fator de resiliência.

Em ambientes escolares que acolhem crianças deslocadas, a atuação do psicólogo educacional vai muito além do atendimento individual. Ele é um agente de transformação do ambiente escolar, com um foco triplo: Apoio Direto às Crianças: O psicólogo atua diretamente com as crianças por meio de terapias de jogo, grupos de apoio e atividades lúdicas que as ajudem a processar o trauma de forma segura. A terapia de jogo, por exemplo, permite que a criança use o brinquedo para expressar emoções e experiências que não consegue verbalizar (Scheneider, 2017). Apoio e Formação aos Professores: O papel do psicólogo é, em grande parte, o de capacitar o corpo docente. Ele treina os professores para identificar os sinais de trauma em sala de aula, ensina estratégias para lidar com comportamentos disruptivos e os orienta a criar um ambiente acolhedor. Os professores, na ausência de psicólogos em tempo integral, tornam-se os primeiros a responder ao trauma. Aconselhamento e Apoio aos Pais/Cuidadores:

O psicólogo também atua com as famílias, oferecendo apoio e orientação para que os cuidadores possam, por sua vez, apoiar as crianças em casa.

As intervenções psicológicas em escolas não podem se restringir a um modelo clínico. Elas devem ser adaptadas ao ambiente educacional e focar em práticas que promovam a estabilização e a cura. Algumas das estratégias mais eficazes incluem: Rotina e estrutura: A rotina é fundamental para a criança traumatizada, pois ela restaura o senso de previsibilidade e segurança, que foram destruídos pela guerra. A escola, ao oferecer uma rotina clara e consistente, ajuda a regular as emoções e a estabilizar o comportamento. Aprender a Se Proteger (LSP): Programas como o LSP da UNICEF e de outras ONGs ensinam às crianças a identificar e nomear suas emoções, a reconhecer o perigo e a usar estratégias simples de proteção (UNICEF, 2018). Essa abordagem as empodera e as ajuda a desenvolver mecanismos de enfrentamento. Práticas Pedagógicas Sensíveis ao Trauma: Professores precisam ser treinados para adotar práticas que considerem o trauma. Isso inclui ser flexível nas expectativas, usar atividades artísticas e lúdicas para promover a expressão emocional e evitar ações que possam ser gatilho para o trauma, como a elevação da voz.

A psicologia educacional em contextos de crise é uma área de intervenção crucial que integra o apoio à saúde mental com a educação. Ao capacitar professores, apoiar as famílias e oferecer um espaço seguro para as crianças, a escola se torna um agente de resiliência. Em Cabo Delgado, onde o trauma é uma realidade generalizada, a integração da psicologia educacional no sistema de ensino não é um luxo, mas uma necessidade urgente para o futuro das crianças e da nação.

O papel do psicólogo na escola em contextos de crise

Em contextos de crise humanitária e pós-conflito, a escola se torna um dos poucos ambientes estáveis e seguros para as crianças. Neste cenário, o papel do psicólogo escolar é crucial, pois sua atuação é fundamental para a mitigação do trauma e para a reconstrução do bem-estar psicológico infantil. A função do psicólogo transcende o tradicional atendimento clínico e se expande para uma intervenção sistêmica que envolve toda a comunidade escolar.

a) Atuação como agente de apoio direto às crianças

O psicólogo é o profissional capacitado para oferecer o primeiro apoio emocional e psicológico às crianças vítimas de guerra. Sua atuação direta se dá por meio de diferentes estratégias adaptadas ao ambiente escolar. De acordo com a UNICEF (2018), atividades como a terapia de jogo e grupos de apoio são ferramentas essenciais para ajudar as crianças a processarem seus traumas de forma segura e não verbal. Através do brincar, que é a linguagem natural da infância, a criança pode expressar medos, ansiedades e experiências traumáticas que não consegue verbalizar. O psicólogo facilita esse processo, ajudando a criança a reconstruir uma narrativa de esperança e a desenvolver mecanismos de enfrentamento.

b) Capacitação e suporte ao corpo docente

A escola não pode ser um espaço de cura sem a participação ativa dos professores. O psicólogo atua, portanto, como um formador e mentor do corpo docente, capacitando-o para ser o primeiro a responder ao trauma. A maioria dos professores nas zonas de acolhimento em Cabo Delgado, como aponta a Save the Children (2021), não possui formação para identificar sinais de estresse pós-traumático ou para lidar com comportamentos disruptivos causados pelo trauma. Nesse sentido, o psicólogo: Oferece treinamento para que os professores reconheçam os sintomas de trauma, como regressão comportamental, agressividade ou isolamento. Ensina estratégias de gestão de sala de aula sensíveis ao trauma, como a criação de rotinas previsíveis e o uso de técnicas de respiração e relaxamento. Proporciona apoio emocional aos próprios educadores, que muitas vezes também estão expostos ao trauma e à sobrecarga emocional de lidar com crianças em sofrimento.

c) Intervenção em nível sistêmico e comunitário

O papel do psicólogo se estende à intervenção em nível sistêmico, trabalhando para que a escola inteira se torne um ambiente seguro. Isso envolve a colaboração com a direção da escola para a criação de protocolos de crise, a promoção de uma cultura de empatia e a integração de atividades psicossociais no currículo. Além disso, a atuação do psicólogo pode incluir o envolvimento de pais e cuidadores, para que o apoio à criança seja consistente tanto na escola quanto em casa.

Conforme destacado por Scheneider (2017), a intervenção eficaz em crise deve ser compreensiva, ágil e focada na estabilização do ambiente como um todo.

O psicólogo escolar em contextos de crise não é apenas um terapeuta individual, mas um agente de mudança que trabalha para fortalecer as capacidades de resiliência de toda a comunidade escolar. Em Cabo Delgado, onde as cicatrizes da guerra são profundas, a presença desse profissional é fundamental para que a educação cumpra seu papel de reconstruir vidas e restaurar a esperança no futuro.

32

Estratégias de intervenção psicológica e psicossocial

A intervenção psicológica e psicossocial em ambientes escolares para crianças vítimas de guerra vai além da simples terapia clínica. Ela se concentra em abordagens que são adaptadas ao contexto de crise, de deslocamento e de escassez de recursos. O objetivo é estabilizar a criança, reconstruir o seu senso de segurança e, ao mesmo tempo, capacitar o ambiente escolar para ser um fator de cura e de resiliência.

a) A necessidade de intervenções sensíveis ao trauma

A intervenção em crianças traumatizadas não pode seguir o mesmo modelo da psicologia tradicional. A abordagem deve ser sensível ao trauma, o que significa que o profissional deve, primeiramente, focar em criar um ambiente seguro, previsível e acolhedor. Como aponta a ACNUR (2022), a criação de rotinas diárias consistentes é uma das estratégias mais eficazes para restaurar a sensação de normalidade. A rotina escolar, com horários de aula regulares e atividades estruturadas, ajuda a acalmar o sistema nervoso da criança, que está em estado de alerta constante, e permite que ela se sinta segura o suficiente para se dedicar ao aprendizado.

b) Estratégias de intervenção psicossocial no ambiente escolar

A intervenção psicossocial se concentra em atividades que promovem a saúde mental através da interação social e da expressão criativa, sem a necessidade de um terapeuta em tempo integral.

Atividades lúdicas e terapia de jogo: O brincar é a forma natural da criança processar o mundo. A terapia de jogo, facilitada por psicólogos ou educadores treinados, permite que a criança use brinquedos, desenhos ou contos para expressar medos, raiva e tristeza que não consegue verbalizar. O uso de atividades artísticas e lúdicas, como a música, o teatro ou a pintura, é uma forma de expressão segura que promove a cura (UNICEF, 2018).

Grupos de apoio e círculos de partilha: Reunir crianças com experiências semelhantes em grupos de apoio pode reduzir o sentimento de isolamento. Nesses círculos, elas podem partilhar suas histórias, perceber que não estão sozinhas e aprender com as estratégias de enfrentamento dos colegas. Essa partilha, mediada por um profissional, ajuda a construir uma narrativa de superação e solidariedade.

Programas de habilidades de enfrentamento: Intervenções como o programa "Aprender a Se Proteger" (LSP), da UNICEF, ensinam às crianças habilidades práticas para lidar com o estresse e o medo. O programa capacita os alunos a identificar e nomear suas emoções, a usar técnicas de respiração para se acalmar e a procurar ajuda quando se sentem em perigo.

c) Integração e formação do corpo docente

A intervenção mais eficaz é aquela que transforma o professor no principal agente de apoio psicossocial. O psicólogo escolar não deve ser o único a agir, mas o catalisador que capacita os educadores. A Save the Children (2021) ressalta a importância de treinar os professores para: Identificar sinais de sofrimento psicológico, oferecer um ambiente de sala de aula flexível e acolhedor e adotar uma pedagogia sensível ao trauma, que evite gatilhos e valorize a participação segura da criança, sem pressioná-la a ter um desempenho acadêmico imediato.

A intervenção psicológica e psicossocial em escolas que acolhem crianças vítimas de guerra é um processo holístico. Ela atua em diferentes níveis — com a criança, com os educadores e com a comunidade — para transformar o ambiente escolar em um porto seguro onde a cura e o aprendizado podem, finalmente, coexistir.

O papel do professor como agente de apoio

Em escolas que acolhem crianças vítimas de guerra, a figura do professor transcende a de mero transmissor de conhecimento. Ele se torna um pilar fundamental de apoio psicológico e emocional, atuando como o primeiro a responder ao trauma. Embora não substitua o trabalho de um psicólogo, o professor pode ser um agente crucial na cura e na reconstrução da resiliência das crianças, desde que esteja preparado para essa missão.

34

a) A Importância da formação de professores sensíveis ao trauma

A maioria dos professores em contextos de crise humanitária não tem formação específica em saúde mental. A Save the Children (2021) ressalta que essa falta de capacitação é um dos principais desafios, pois os educadores, apesar da boa-vontade, não têm as ferramentas para identificar e lidar com os sinais de trauma. O papel do professor como agente de apoio começa, portanto, com a formação. Ele precisa ser treinado para: Identificar os sinais de sofrimento psicológico: Reconhecer que comportamentos como agressividade, isolamento ou dificuldade de concentração não são necessariamente indisciplina, mas manifestações do trauma e Compreender o impacto do trauma no aprendizado: Entender que o baixo desempenho acadêmico pode ser um sintoma do trauma, e não uma falta de esforço ou capacidade.

b) Práticas pedagógicas sensíveis ao trauma

Uma vez capacitado, o professor pode adaptar sua prática pedagógica para criar um ambiente de sala de aula que promova a segurança e a cura. As práticas pedagógicas sensíveis ao trauma incluem:

Criação de rotinas e previsibilidade: A guerra destrói a rotina. A escola, ao oferecer uma rotina diária clara e previsível, com horários e atividades bem definidos, ajuda a criança a se sentir segura. A previsibilidade reduz o estado de alerta constante, permitindo que o cérebro se acalme e se prepare para aprender. Promoção da expressão emocional: O professor deve criar um espaço seguro para que as crianças possam expressar suas emoções, medos e angústias de forma

saudável. O uso de atividades artísticas, como desenhos ou músicas, ou de círculos de conversa, pode ser uma forma de expressão não verbal que ajuda a criança a processar o trauma.

Flexibilidade e paciência: A criança traumatizada pode ter dias bons e dias ruins. O professor precisa ser flexível nas expectativas acadêmicas e ter paciência para lidar com as regressões de comportamento, entendendo que o progresso na cura é um processo lento e gradual.

c) O Professor como modelo e vínculo de confiança

35

Para muitas crianças deslocadas, o professor é a primeira figura de autoridade adulta em que elas podem confiar após a experiência de guerra. Ao estabelecer um vínculo de confiança, o professor não apenas oferece apoio emocional, mas também se torna um modelo de resiliência. A forma como ele lida com os próprios desafios e a sua capacidade de criar um ambiente de respeito e empatia servem de exemplo para os alunos.

O papel do professor como agente de apoio em contextos de crise é uma necessidade urgente para o sistema de ensino moçambicano. Ao transformar o educador em um pilar de apoio psicossocial, a escola se torna um espaço onde o trauma não é ignorado, mas sim abordado de forma compassiva e eficaz, permitindo que a educação cumpra seu papel de reconstruir vidas e restaurar a esperança no futuro.

Políticas e programas de apoio psicológico em moçambique

A crise humanitária em Cabo Delgado expôs a vulnerabilidade do sistema de ensino e de saúde mental de Moçambique, mas também mobilizou uma resposta significativa por parte do governo e de organizações humanitárias. A análise dessas políticas e programas é essencial para entender o cenário de intervenção e os desafios práticos de sua implementação.

Moçambique, como signatário da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), tem a obrigação legal de assegurar a recuperação física e psicológica de crianças vítimas de conflitos, negligência e exploração (UNICEF, s.d.). A legislação

moçambicana, como a Lei do Sistema Nacional de Educação (SNE), estabelece diretrizes para a educação inclusiva e o desenvolvimento da criança, reconhecendo o papel da educação na promoção da saúde mental e no bem-estar social.

O governo, por meio de seu Programa Quinquenal, tem a saúde mental como uma área de atenção, embora a implementação de programas específicos para crianças em contextos de emergência ainda seja um desafio. A Política de Ação Social também destaca a necessidade de reabilitação psicossocial e reintegração social de crianças em "situação difícil", incluindo aquelas em contextos de deslocamento.

Na prática, a maior parte das intervenções psicossociais em Cabo Delgado é conduzida por organizações não governamentais (ONGs) e agências da ONU, em parceria com as autoridades locais.

O Papel das agências da ONU: O ACNUR e o UNICEF são atores-chave na resposta humanitária. O UNICEF, por exemplo, foca na criação de espaços amigos da criança em campos de reassentamento, onde a brincadeira e as atividades lúdicas são usadas para fornecer apoio psicossocial, ajudando as crianças a "esquecer o que aconteceu e voltar a ser crianças" (UNICEF, 2022).

Capacitação de educadores e comunitários: Organizações como o Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) e a Save the Children têm focado na capacitação de voluntários e professores para atuarem como agentes de apoio. Eles treinam essas pessoas para identificar sinais de sofrimento psicológico e oferecerem primeiros socorros psicológicos. O CICV, por exemplo, capacita voluntários comunitários para promoverem a saúde mental através de rodas de conversa, onde as pessoas podem expressar suas emoções e entender que não estão sozinhas (ICRC, 2022).

Parceria com as autoridades locais: O Manual de Apoio Psicossocial Para Gestores Escolares e Professores, elaborado pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) em parceria com a UNICEF, é um documento crucial que busca oferecer diretrizes para a atuação de gestores e educadores em situações de emergência. Este manual é uma evidência de que há uma tentativa de integrar o apoio psicossocial no sistema educativo.

Apesar dos esforços, os programas de apoio enfrentam sérios desafios. A escassez de profissionais de saúde mental é um obstáculo crônico, e a dependência de

agências humanitárias para a implementação de programas torna a resposta insustentável a longo prazo. Além disso, a coordenação entre os diferentes setores (educação, saúde e ação social) ainda é frágil, e a falta de recursos e infraestrutura adequada limita o alcance dessas iniciativas.

As políticas e programas de apoio psicossocial em Moçambique para crianças vítimas de guerra existem e representam um avanço importante. No entanto, a implementação dessas políticas de forma consistente e em larga escala ainda enfrenta barreiras estruturais significativas, tornando a intervenção no "chão da escola" um desafio contínuo e urgente.

37

Barreiras na implementação de intervenções

Apesar da urgência e da crescente necessidade de apoio psicossocial para crianças vítimas de guerra, a implementação de intervenções eficazes em ambientes escolares em Moçambique enfrenta uma série de barreiras significativas. Essas barreiras não são apenas operacionais, mas também sistêmicas, e a sua compreensão é vital para o desenvolvimento de políticas e práticas mais eficazes.

a) Barreiras de recurso e infraestrutura

A escassez de recursos é a barreira mais visível. A falta de profissionais de saúde mental é um problema crônico e generalizado em Moçambique. O número de psicólogos e assistentes sociais é insuficiente para atender à imensa demanda, especialmente em áreas rurais e em campos de deslocados (MINEDH Moçambique, 2023).

Ausência de espaços adequados: Muitas escolas e centros de acolhimento não possuem salas privadas ou espaços dedicados para o aconselhamento e a terapia. O apoio psicológico, quando oferecido, é feito em ambientes improvisados, o que compromete a confidencialidade e a segurança das crianças.

Falta de materiais: A ausência de materiais didáticos e lúdicos, como jogos, brinquedos e livros, dificulta a implementação de terapias como a de jogo, que são essenciais para ajudar as crianças a processarem seus traumas.

b) Barreiras institucionais e de capacitação

Mesmo quando a boa-vontade existe, a falta de um sistema robusto e de profissionais capacitados cria obstáculos intransponíveis.

Formação deficiente de educadores: Os professores são a primeira linha de contato com as crianças traumatizadas. No entanto, a maioria não recebe formação específica sobre como identificar sinais de trauma ou sobre práticas pedagógicas sensíveis ao trauma. A Save the Children (2021) destaca que, sem essa capacitação, os professores podem interpretar comportamentos traumáticos como indisciplina, agravando ainda mais o sofrimento da criança.

Coordenação fragilizada: A falta de uma coordenação eficaz entre os diferentes setores (saúde, educação e ação social) é um grande desafio. Muitas vezes, as intervenções são fragmentadas, sem um plano integrado, o que compromete a continuidade e a eficácia do apoio psicossocial.

Cultura institucional: Em alguns casos, a própria cultura institucional da escola pode ser uma barreira. A rigidez do currículo e a prioridade dada ao desempenho acadêmico em detrimento do bem-estar emocional podem minar os esforços de intervenção.

c) Barreiras Sociais e Culturais

O trauma da guerra não afeta apenas o indivíduo, mas também a comunidade. O estigma associado aos problemas de saúde mental é uma barreira significativa.

Estigma social: Em muitas comunidades, o sofrimento psicológico não é reconhecido como uma doença, mas como uma fraqueza ou uma "maldição". Esse estigma impede que as crianças e suas famílias procurem ajuda, perpetuando o ciclo de sofrimento em silêncio.

Expectativas dos pais: A falta de conscientização sobre o trauma também afeta as expectativas dos pais. Eles podem pressionar os filhos a terem um desempenho acadêmico, sem entender que o trauma é um obstáculo para o aprendizado.

As barreiras na implementação de intervenções psicológicas em Moçambique são complexas e exigem uma abordagem holística. A superação desses obstáculos requer não apenas a alocação de mais recursos, mas também um investimento em capacitação, coordenação institucional e conscientização social.

Metodologia

Esta pesquisa se propõe a analisar os desafios e as estratégias de intervenção psicológica em ambientes escolares para crianças deslocadas da guerra em Cabo Delgado. Para alcançar os objetivos propostos, será utilizada uma abordagem de pesquisa qualitativa, com foco em revisão bibliográfica sistemática e análise documental.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas principais, garantindo que o estudo combine o conhecimento teórico com a análise de documentos oficiais.

Revisão Bibliográfica Sistemática: foi feita uma pesquisa exaustiva em bases de dados acadêmicas (como Scielo, Google Scholar, JSTOR), em bibliotecas universitárias e em plataformas de pesquisa online. As palavras-chave utilizadas serão: "trauma infantil", "psicologia escolar Moçambique", "intervenção psicossocial crianças Cabo Delgado", "educação em emergências" e "saúde mental em contextos de guerra". A revisão bibliográfica terá como foco: Estudos sobre o impacto de conflitos no desenvolvimento infantil e no aprendizado, Literatura sobre o papel da psicologia educacional em contextos de crise, Práticas e estratégias de intervenção psicossocial em escolas, Análise Documental: Serão analisados documentos oficiais de Moçambique e de organizações internacionais. Isso inclui relatórios de agências como o UNICEF e o ACNUR, manuais e planos de ação do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) e de ONGs que atuam em Cabo Delgado. O objetivo é compreender como o apoio psicossocial é formalmente articulado e quais são os objetivos declarados dessas políticas e programas.

A metodologia proposta permitiu que a pesquisa vá além de uma simples descrição de fatos, oferecendo uma análise crítica e aprofundada sobre a resposta do sistema educativo a uma crise humanitária.

Considerações finais

A análise sobre os desafios e estratégias de intervenção psicológica em ambientes escolares para crianças deslocadas da guerra em Cabo Delgado revela uma complexa interseção entre o trauma psicológico, a educação e a crise humanitária. O estudo demonstrou que a escola, embora seja um dos poucos espaços de

estabilidade em um cenário de incerteza, está fundamentalmente despreparada para lidar com as profundas sequelas do trauma infantil. A lacuna entre a crescente necessidade de apoio psicossocial e a capacidade de resposta do sistema educativo moçambicano é a principal conclusão deste trabalho.

O trauma psicológico em crianças, manifestado em comportamentos como agressividade, isolamento e dificuldades de aprendizagem, exige uma resposta coordenada e sensível. A pesquisa identificou que a escassez de recursos, a falta de profissionais de saúde mental e a ausência de formação específica para educadores são barreiras significativas que impedem a implementação eficaz de intervenções. A dependência de agências humanitárias para a oferta de apoio psicossocial, embora vital, aponta para a fragilidade do sistema de ensino em sustentar essas iniciativas a longo prazo.

Contudo, a análise também revelou que a solução não reside apenas na contratação de mais psicólogos. A chave para a resiliência está na capacitação dos professores para se tornarem agentes de apoio e na adoção de práticas pedagógicas que sejam sensíveis ao trauma. A criação de rotinas, a promoção de espaços seguros e a integração de atividades lúdicas e artísticas no currículo são estratégias que se mostraram eficazes. O papel do professor, portanto, transcende o ensino e se consolida como o de um cuidador, um guia e um modelo de estabilidade para as crianças em sofrimento.

Para que a educação em Moçambique sirva como uma força de cura e reconstrução para as crianças de Cabo Delgado, é imperativo que as políticas públicas integrem de forma orgânica a saúde mental no sistema de ensino. O investimento na formação contínua de educadores, a criação de protocolos de intervenção e a valorização do bem-estar emocional devem ser prioridades. Somente assim a escola poderá cumprir a sua promessa de ser um porto seguro, transformando as cicatrizes da guerra não em obstáculos intransponíveis, mas em alicerces para um futuro mais esperançoso e pacífico.

Referências

CNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). **Moçambique: A Crise em Cabo Delgado.** Disponível em: <https://www.acnur.org.br/mocambique-a-crise-em-cabo-delgado>. Acesso em: 1 ago. 2025.

AMNESTY INTERNATIONAL. "O que vi foi a morte": Crimes de guerra no "Cabo esquecido" de Moçambique. Disponível em: <https://www.amnesty.org>. Acesso em: 1 ago. 2025.

APA (American Psychiatric Association). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

CIP MOÇAMBIQUE. É preciso garantir segurança, educação, apoio psicossocial e reconstrução comunitária. Disponível em: <https://www.cipmoz.org>. Acesso em: 1 ago. 2025.

DW. **Como a guerra afeta o desenvolvimento das crianças**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-a-guerra-afeta-o-desenvolvimento-das-crian%C3%A7as/a-68891812>. Acesso em: 1 ago. 2025.

ICRC (Comité Internacional da Cruz Vermelha). **Moçambique: como melhorar a saúde mental da comunidade afetada pelo conflito?**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/document/mocambique-como-melhorar-saude-mental-da-comunidade-afetada-pelo-conflito>. Acesso em: 1 ago. 2025.

MINEDH MOÇAMBIQUE. **Manual de Apoio Psicossocial para Gestores Escolares e Professores**. Disponível em: https://mept.org.mz/wp-content/uploads/2023/02/Manual-de-Apoio-Psicossocial-para-Gestores-Escolares-e-Professores_digital_Final.pdf. Acesso em: 1 ago. 2025.

SAVE THE CHILDREN. **Cabo Delgado: A vida das crianças nos campos de deslocados**. Maputo: Save the Children Moçambique, 2021.

SCHENEIDER, C. **Psicologia escolar e a intervenção em situações de crise e emergência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

UNICEF. **O trauma psicológico de crianças em conflitos**. Disponível em: <https://www.unicef.org/es/historias/trauma-psicologico-en-ni%C3%B1os-en-zonas-de-conflicto>. Acesso em: 1 ago. 2025.

UNICEF. **Proteção contra violência, exploração, abuso, negligência e práticas nocivas**. Disponível em: <https://www.unicef.org/mozambique/protecao-contra-violencia-exploracao-abuso-negligencia-e-praticas-nocivas>. Acesso em: 1 ago. 2025.

UNICEF PORTUGAL. **Crianças em conflitos: o lado mais invisível das guerras**. Disponível em: <https://donativos.unicef.pt/campanha/criancas-em-conflitos>. Acesso em: 1 ago. 2025.